

## O SEMEADOR

Ana Maria de Almeida

... para que, olhando, vejam e não reparem, e, ouvindo, ouçam e não entendam...

No princípio era apenas ele e a mensagem do louco. O velho e a criança estavam ainda no propósito do vento, assim como as levas alucinadas de uma aurora negra.

E agora ele iria ficar de novo só, em atalaia e desamparo. A criança tinha partido um pouco antes — e — mais um pouco ainda — o velho se iria embora de todos os caminhos, na sua remigração. Todas aquelas desgraças e mais as outras possíveis ficariam apenas acontecendo e acontecidas. Havia quem medisse? Coisas difíceis de se ter em conta e aviso...

Do marco da porta, ele vigia a bruma, as encostas imersas em sombra, por onde a criança passou, coração à espreita, os certos passos tateantes.

Fosse talvez aquele, entre tantos, o caminho do louco e seu desígnio de areia e sal — e ele mais uma vez o seguisse, resignando-se; não como no princípio, quando havia apenas a mensagem e uma tormenta de figueiras ressequidas, danando-lhe o peito. Um tempo de foices sem ceifa, sem ele saber como, as espigas se fizeram ervas, e as aves do céu cobriram de penas os espinhos dos desertos.

Mês após mês tinha amaldiçoado a partida estranha, as estranhas palavras — aparentemente tão rasos, nas suas horas de desânimo, e tão contundentes, quando a noite, reduzida ao silêncio, ameaçava submergi-lo no seu bojo.

— “Está sempre às tuas costas...”

Quase riu, lendo-as na confusa vez e visão: um modo fácil de pegar os fragmentos do dia e reordená-los no mosaico de suas horas. Ele, o irmão, tivera mais uma de suas crises, atrapalhado da idéia, enevoado assim num repente — quis acreditar, explicando a quem perguntava pelo irmão e seu destino. — “Um tresvario sem monta: um dia volta e será como antes”. Mas nada foi como antes, nem ele mesmo, desviado em despropositado rumo. A mensagem fizera-se desafio e apelo, indefinível. — “Afinal é meu único irmão”, justificou-se, partindo ele também, no encaço de apenas vestígios e sombras profundas.

Largou-se no mundo, perdido de fins e limites, por onde a mensagem era palavra de escândalo ou senha de remissão. Acostumou-se a roteiros fortuitos sob o impulso suave do vento e a repulsão das ventanias, aqui no ofuscamento do sol, ali entre as trevas de planícies fantásticas, mais ali e ali, nos ondes tão longe de uma desesperada geografia. Qualquer cidade, qualquer pouso, e sempre a mesma demora... De vez em quando topava com um provável sinal da passagem do irmão: um mendigo que pedira água e roubara pão, um bêbado violento em noite de sábado, um estranho que quase matara uma prostituta miserável. — “Não se pode mais confiar em ninguém, pessoa alguma” — queixavam-se, dando-lhe a descrição do viajante esmolambado, de face turbada, em cuja tristeza e cólera magnânima ele via a desfigura, tão assim retrato e ausência, do irmão perdido.

Numa grande cidade, conseguiu informações mais precisas. Quem mais, senão ele, o irmão, podia ter emperrado os mecanismos de todos os relógios? Mesmo que não falassem nada, soube: um sufocamento de sangue prestes a explodir em desgraça e desolação. Ao amanhecer, mal entrando na cidade, pôde recolher os tantos sinais: barricadas e trincheiras, vultos armados às portas das fábricas fechadas, gritos abafados de crianças impedidas de ir à escola, as rezas das mulheres vestidas de luto. Seu coração confrangeu-se de certeza e dor. De grupo em grupo, nas esquinas temerosas, foi

recolhendo as notícias, os boatos inquietantes, a trama da temeridade: na boca do viajante tinha chegado a ordenação. O que o mensageiro dissera: as máquinas deveriam parar seus músculos e seu suor, cada homem recolher-se a seu espanto, até que soasse a hora final. Encolhidos, os homens hesitavam entre o medo e o alvoroço de mal esperada esperança — de algo assim impalpável como a sensação de ombros livres ante fardos e arreios repousados no chão. E o mensageiro tinha desaparecido com a chegada das tropas: — “magro, uma cicatriz na face esquerda, em forma de cruz, cabelos crescidos, a negra barba...”

Era inútil esperar pelo que ia acontecer, inevitável. Cauteloso, para que não descobrissem nele alguma semelhança, mais uma vez se pusera a caminho, no rumo do horizonte e das indicações.

— “... às tuas costas a possibilidade de um segredo...”

O irmão deixava pistas desnorteantes: pedras em forma de sóis alucinados, impedindo as estradas; galhos quebrados em fúria; cabanas incendiadas num ímpeto assassino; crateras e corpos esmagados. Vozes lamentosas se elevavam em vão; punhos contraídos erguiam-se, impotentes, para o céu mudo. Por toda a parte, a aflição regia as gentes com suas varas de ferro.

Às imprevistas vezes, entretanto, jardins floresciam entre rochas e abrolhos, como oásias inúteis; crianças acenavam com insólitas pandorgas amarelas, que o louco lhes ofertara; maltrapilhos acariciavam um pedaço de trapo que a mão, subitamente humana, do louco lhes pusera sobre os membros friorentos. E romarias exaltadas se estendiam pelas estradas...

Dias houve em que, na modorra de uma pausa, sentiu, num relance de uma lança, que teria sido fácil e fútil demais encontrar o irmão numa esquina, sob a luz de um poste. E era como se ficasse temendo o encontro e o seu preço: a perda de uma busca sem sentido. Quem sabe, pensava, era melhor desistir, deixar o irmão entregue ao vento e sua obstinação.

Mas, como um clamor, as palavras da mensagem o despertavam de seu acômodo, fazendo recuar para bem longe o propósito de voltar e esquecer que, algum dia, num instante de alumbramento, partira decidido a encontrá-lo. Não as entendia, aquelas palavras; não percebia seu secreto enleio, mas era preciso seguir, seguir, mesmo que fosse as marcas dos rebanhos nômades. O que fosse, seria: alguma coisa, algum sinal, predispostos na água salobra ou na areia amarga dos desertos.

— "... de um segredo, o macio emplume de uma ave..."

Tudo ficou mais difícil quando encontrou o velho e a criança. Que mão poria termo àquele ímpeto absurdo? Louco de ódio, pensou que talvez devesse ter entregado às milícias das estradas o retrato do irmão, deixando que o desvendassem entre as ondas de retirantes, romeiros e sublevados, e que o matassem como a fera perigosa, cobrindo-lhe o corpo com suas couraças de jacintos e enxofre. O velho e a criança... "A nós ele revelou que nossos campos, lá, nunca serão férteis", falou o velho com a mesma resignação com que amanhara urzes e espinhos, a vida toda. Nos olhos da criança, porém, brilhava a certeza que o louco lhe dera de um mar azul de aquarela no espaço mudo e desconhecido. Aquela alegria desenganada — aceitou mais de uma vez que assim fosse: não lhes soube falar da escuridão, dos tropeços, dos abismos, dos passos que mal podiam encontrar o apoio dos pés nas veredas escondidas. Nem das lágrimas secadas à força de sol e espadas, das feridas curadas a fogo e pólvora. A risada da criança atraía as aves, folhas renascidas tremiam sob o frio vento das campinas tão amplas... Como?! Não soube... — "As belas coisas que ele esconde no peito... ah, sabia o que soubera", o velho incompletou...

Por causa do mensageiro, de manhã, ao bem cedinho, o velho e a criança tinham-se perdido para nunca jamais, nas linhas do horizonte. Sempre em frente. — "As belas coisas e sua face amarga" ele pensou, e, como num raio e riso, a mensagem pontuou a sua estupefação.

— "... uma ave, se olhas, um esvoaçar cinzento de penas céleres..."

Pois então?... E os três continuaram a confusa rota dos peregrinos: caminhos, cidades, montes, vilas, planícies, céu e chão — tudo assinalado pela presença do louco, ora tímido e místico, seguido de multidões fanáticas; ora sanguinário e atrevido, perseguido por bandos cheios de ódio e revolta. Continuaram. Com pequenas paradas, aqui ou ali, em que ele e o velho se empreitavam de pedreiros, levantando paredes e desdobrando muros ou se desdobrando nos roçados de trigo e joio, enquanto a criança esmolava pelas feiras e praças. Ninguém melhor do que ela sabia extrair melodias de uma flauta — imateriais, soluções leves e gotas saltitantes, que as pessoas, paradas, ouviam emudecidas, apenas recordando...

Certa noite, o coração do velho começou a vacilar, contando lento seus minutos. Caminhavam havia muito, sob o vento e uma chuva miúda, que escorria pelo rosto enrugado, como lágrimas emprestadas. A flauta cessou sua magia, e nos olhos da criança se leu a mágoa de ter de parar, ali no escuro, tão certa estava da chegada e das luzes da cidade de vidro, prometida atrás dos montes, nas profecias do louco. "Ali", sussurrou o velho, apontando um paiol abandonado. "Ali poderei descansar os ossos, dormir..." De barro eram as paredes, de madeira podre a porta inútil, que o vento fazia oscilar. — "E você vai", disse o velho à criança, meio pedindo, meio mandando. — "E você também", ordenou à sua sombra de homem sem irmão, encolhida contra a parede. — "Para os dois todo o caminho há de haver, parecido ou parecendo..."

Não madrugara ainda, quando a criança partiu, prometendo voltar com arrimo e alimento. Contra a parede de barro, quase confundindo-se com ela, o rosto do velho rebrilhou de riso e dúvida suave. Instou apenas que ele se fosse também, lembrado de seu propósito. Acenou que não: o irmão e perdoasse... Depois, talvez... Tinha fome de um longo sono. Depois, quem sabe... Não agora na lucidez da face neutra da morte e seu aviso.

Do marco da porta contempla a encosta, escuta o arquejar do velho. Por que, então? — quer perguntar e receia pensar nisso, repensar as palavras do irmão.

— "... um esvoaçar cinzento de penas céleres. Se te quedas, cego, um tremular de vida persistente".

Uma luz fraca tenta romper a neblina e o frio dos montes. A criança desfeita em suas brumas, o velho remigrando-se ao seu barro. "Tu, irmão, apenas me devolves a certeza do medo", pensa, estremeçando.

Mais um pouco e será dia, outro e mais outro. E com ele, o recuo ou o primeiro passo para o horizonte.

18-03-1976.